

Revista
Latino-americana de

**Geografia e
Gênero**

Volume 8, número 1 (2017)
ISSN: 2177-2886

Artigo

As Mulheres e a Rua: Entre o Medo e as Apropriações Feministas da Cidade de Goiânia, Goiás

Las Mujeres y la Calle: Entre el Miedo y las Apropiaciones Feministas de la Ciudad de Goiânia, Goiás

Women and the Street: Between Fear and Feminist Appropriations in Goiania City, Goiás

Talita Cabral Machado

Universidade Federal de Goiás - Brasil
talita.geo@gmail.com

Alecsandro J. P. Ratts

Universidade Federal de Goiás - Brasil
alex.ratts@gmail.com

Como citar este artigo:

MACHADO, Talita Cabral; RATTS, Alecsandro J. P.. As Mulheres e a Rua: Entre o Medo e as Apropriações Feministas da Cidade de Goiânia, Goiás. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 1, p. 194-213, 2017. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

As Mulheres e a Rua: Entre o Medo e as Apropriações Feministas da Cidade de Goiânia, Goiás

Las Mujeres y la Calle: Entre el Miedo y las Apropiaciones Feministas de la Ciudad de Goiânia, Goiás

Women and the Street: Between Fear and Feminist Appropriations in Goiania City, Goiás

Resumo

A pesquisa realizada com mulheres feministas busca compreender como elas se apropriam das ruas da cidade e pensar as diferenças de gênero, raça, sexualidade por intermédio das suas experiências vividas nesses lugares. A metodologia adotada utiliza-se das narrativas de lideranças feministas da cidade de Goiânia, por meio de entrevistas semiestruturadas. Apesar do sentimento de medo ao estarem nas ruas, as mulheres ocupam coletivamente esses espaços, através de diferentes ações. As apropriações acontecem a partir da vivência entre elas, onde constroem, simultaneamente, suas identidades feministas e os feminismos. Numa relação com e entre os lugares, as mulheres os criam e recriam.

Palavras-Chave: Cidade; Rua; Mulheres Feministas.

Resumen

El estudio realizado con mujeres feministas busca comprender la forma en que se apropian de las calles de la ciudad y pensar las diferencias de género, raza y sexualidad por intermedio de sus experiencias vividas en estos lugares. La metodología adoptada utiliza las narrativas de las líderes feministas en la ciudad de Goiânia a través de entrevistas semiestruturadas. A pesar de la sensación de miedo cuando están en las calles, las mujeres ocupan colectivamente estos espacios, a través de diferentes acciones. Las apropiaciones se dan a partir de su experiencia, en la que construyen simultáneamente sus identidades feministas y los feminismos. En una relación con y entre los lugares, las mujeres los crean y recrean.

Palabras-Clave: Ciudad; Calle; Mujeres Feministas.

Abstract

This research about feminist women aims to understand how they appropriate the city streets and to think differences of gender, race, and sexuality through their experiences in these places. The methodology resorted to narratives by feminist leaders from Goiânia city, by means of semi-structured interviews. Despite the feeling of fear of being on the streets, women collectively occupy these spaces through different actions. The appropriations happen from from the experience between them, since they build both their feminist identities and the feminisms. In a relationship with and between the places, women create and recreate their spaces.

Keywords: City; Street; Feminist Women.

Talita Cabral Machado, Alecsandro J. P. Ratts



Introdução

Pesquisas em Geografia e Gênero no Brasil crescem a partir dos anos 2000, com os estudos de várias geógrafas¹, mas com incursões anteriores como de Rosa Ester Rossini (1998), Regina Sader (1995) e Sonia Calió (1991).

Este artigo é parte de uma pesquisa de doutorado em fase de conclusão sobre cartografias feministas da cidade a partir dos processos de apropriação do espaço urbano de Goiânia (GO), realizado por diferentes mulheres militantes.

O objetivo é compreender como as mulheres feministas entrevistadas apropriam-se das ruas da cidade e pensar as diferenças de gênero, raça, sexualidade através das experiências vividas por elas nesses lugares. Para isso, a metodologia adotada utiliza-se das narrativas de lideranças feministas da cidade de Goiânia, estado de Goiás, que participam de diferentes grupos feministas, e consiste na análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com elas.

Foram entrevistadas treze mulheres identificadas como feministas. Doze residem em Goiânia e uma no município de Trindade (pertencente à região metropolitana de Goiânia), que diariamente se desloca à capital. Sete mulheres têm entre 21-32 anos de idade e seis entre 44-67 anos. Considera-se jovem o primeiro grupo de faixa etária, devido às semelhanças de atuação entre as militantes e às distâncias de idade entre elas serem menores que em relação ao segundo grupo, ainda que, para determinados agentes, o período da juventude estenda-se entre 15 e 29 anos. Nove mulheres se autodeclararam negras e quatro brancas. Três se autodeclararam lésbicas, cinco bissexuais e cinco heterossexuais. Os nomes dados para as entrevistadas são fictícios.

O artigo se inicia com uma abordagem do conceito de espaço paradoxal de Rose (1993) e discute como o gênero é um fator que estrutura nossas experiências do espaço da cidade. Posteriormente, identifica e reflete sobre como as mulheres se sentem ao estarem e vivenciarem as ruas, apesar do medo, elas mostram a importância e como ocorrem as apropriações feministas da cidade. Por fim, mostra como se dão as apropriações noturnas na área central da cidade, realizadas pelas feministas jovens e lésbicas.

Gênero, Mulheres e Cidade

Rose (1993), com base em Teresa de Lauretis e Judith Butler, estas, por sua vez, referenciadas em Michel Foucault, adota uma postura desconstrucionista da ciência geográfica e traz uma proposta de análise da realidade a partir do conceito de “espaço paradoxal”. Esta perspectiva teórica e metodológica é complexa e envolve várias dimensões e articulações.

A autora afirma que se deve pensar simultaneamente o estar dentro e fora, no centro e na margem, o 'nós' e os 'outros' através dos diferentes lugares. Para ela, o espaço paradoxal compreende múltiplas teias de sociabilidade, cada uma com sua espacialidade, onde cada indivíduo está inserido em múltiplas teias

1 Conferir os estudos de Joseli Maria Silva (2003; 2004), María Franco Garcia (2004) e Maria das Graças Silva Nascimento e Silva (2004), dentre outras.

socioespaciais. O mesmo indivíduo pode estar localizado na margem numa determinada teia e no centro em outra. O que determina a localização do sujeito na teia é a sua posição em relação ao poder exercido por ele em determinado tempo-espaço.

O espaço paradoxal, segundo Rose (1993), caracteriza-se pela localização das mulheres na margem da configuração do território das grandes cidades, durante todos os processos de planejamento delas, embora elas representem a maioria dos(as) habitantes.

Nas cidades, a rua é eminentemente um espaço público que, para muitas pessoas, representa um lugar de passagem e de trânsito cotidiano. Os(as) sujeitos(as) não as percorrem e vivenciam igualmente e livremente. Existem regulamentos sociais explícitos e implícitos que limitam o acesso a esse espaço público e que não permitem, muitas vezes, as pessoas vivenciá-lo. Entre os regulamentos tácitos existentes estão os relacionados às questões de gênero, sexualidade e raça que definem qual corpo pode, ou não, estar em determinada rua e em determinado horário.

Segundo Massey (2008), todos os espaços são, de alguma forma, regulados socialmente, se não por regras explícitas, então pelas regulações mais competitivas que existem na ausência de controles explícitos. As normas estão nos espaços privatizados, como *shoppings centers*, que limitam ou intimidam grupos e pessoas de estarem ali, bares que não permitem o beijo entre duas pessoas do mesmo gênero e estão também nos espaços públicos, como praças, parques e ruas que excluem pessoas ao regular implicitamente os corpos que devem ou não estar naquele local.

Em outro trabalho, Massey (2000) afirma que há muitos fatores que influenciam a nossa experiência de espaço, além do capital, como o gênero e a raça. A mobilidade das mulheres, por exemplo, sofre várias restrições, como as relacionadas ao sentimento de medo da violência física.

O medo sentido pelas mulheres ao transitarem nas ruas da cidade é também resultante de regulamentos sociais implícitos presentes nesse espaço. É o que indicam Berta, Ornelas e Maria com base em outros(as) autores(as):

Na realidade, as mulheres parecem ter um crime adicional a temer – a violação – o qual os homens usualmente não temem (Riger et al., 1978). De acordo com esta ideia, Warr (1984, cit. por Stanko, 1993), refere a probabilidade do medo do crime sentido pelas mulheres seja o medo da violação e, do mesmo modo, Gordon e Riger (1989) denominaram o medo da violação como “female fear”, o medo feminino, dada a sua proeminência e transversalidade neste gênero (2007, p. 136).

O medo da violação ou 'medo feminino' influencia e não permite que as mulheres vivenciem certos lugares da cidade. hooks escreve sobre a importância de se pensar o espaço da cidade pelas feministas, para que a mulher nela tenha de fato liberdade de ir e vir:

Esquinas sempre foram espaços que pertenciam aos homens – um

território patriarcal. O movimento feminista não alterou isto. Assim como não era poderoso o suficiente para ter de volta a noite e fazer o escuro um lugar seguro para que as mulheres se escondessem, passeassem, e caminhassem à vontade, não foi capaz de mudar o ethos da esquina – gênero e igualdade no local de trabalho, sim, mas a esquina da rua transforma cada mulher que ousa se esconder em um corpo para vender a si mesma, um corpo procurando drogas, um corpo caindo. O feminino à espreita, persistente, descansando em um canto da rua é vista por todos, olhado, observado. Quer ela queira ou não, ela está presa para o predador, para o homem, seja ele cafetão, a polícia, ou apenas um transeunte. Nas cidades as mulheres não têm território ao ar livre para ocupar. Elas devem estar infinitamente em movimento ou em locais fechados. Elas devem ter um destino. Eles não podem demorar-se ou ficar (hooks, 2009, p. 143, tradução nossa).

A autora enfatiza a rua, particularmente as esquinas, como território patriarcal mesmo face às conquistas dos movimentos feministas. Estes locais são usados em situação de transgressão e ousadia por algumas mulheres, a exemplo das prostitutas.

O movimento da desconstrução ou desconstrucionista, surgido na década de 1960 e baseado nas obras de filósofos como Jacques Derrida e Michel Foucault, empreende uma crítica a determinados conceitos, possibilitando, assim, outras leituras da realidade e do fazer das ciências. Os desconstrucionistas afirmam que existem várias verdades com diferentes interpretações e acreditam na pluralidade dos discursos². Partindo de uma perspectiva desconstrucionista, o espaço é concebido de forma paradoxal por Rose (1993) que, segundo Silva (2009):

(...) de um lado, compõe as representações sociais heteronormativas dos gêneros e das sexualidades; de outro, é elemento de subversão dessas mesmas representações, pois é por meio das ações espaciais concretas desempenhadas pelos seres humanos que se dão as contínuas transformações da realidade socioespacial (SILVA, 2009a, p.47-48).

A heteronormatividade pode ser compreendida como a hegemonia masculina e heterossexual na sociedade que se estende em quase todos os espaços sociais. A autora prossegue identificando as contradições do espaço paradoxal:

Binnie e Valentine (1999) argumentam que a habilidade para apropriar e dominar lugares e influenciar o uso dos espaços por outros grupos não é apenas produto da heteronormatividade, porque resulta, também, de sua força expressa no espaço. Portanto, o espaço compõe

2 A antropóloga Lia Zanotta Machado (1998) trata dessa questão para a teoria feminista.

a realidade heteronormativa, mas também pode subvertê-la (SILVA, 2009b, p. 140).

As mulheres, ao participarem de movimentos feministas, passam por processos de empoderamento que as fazem repensar a importância de estarem ocupando espaços que, até então, a seus corpos não eram permitidos ocupar. Assim, através de suas ações de apropriações do espaço urbano, elas constroem novas significações dos lugares. Scheffler (2013) afirma que:

Para o feminismo, o empoderamento implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna das mulheres, garantindo-lhes autonomia no controle do seu corpo, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir bem como um rechaço ao abuso físico e às violações. A abordagem de empoderamento, portanto, não é neutra, é pré-condição para se obter a equidade social, representa um desafio às relações patriarcais e aos privilégios de gênero e, por conseguinte, admite relações de poder, oposições e conflitos e seus desdobramentos os quais podem desencadear processos de mudança reveladores de outras dimensões vividas pelas pessoas e grupos sociais. Segundo esta visão, o empoderamento compreende um processo da conquista da autonomia por parte das mulheres que tem aspectos tanto coletivos como individuais (LEÓN, 1997). O poder, aqui, é entendido na perspectiva foucaultiana como um poder relacional, disperso, positivo e produtivo, já que produz os corpos, os gestos, as ações, normatiza as condutas, define o lícito e o ilícito, incita a falar, perscruta, localiza, distribui, individualiza e classifica e gere a vida de todos e de cada um, individualmente, uma rede de relações que nos constitui, relações nas quais estamos imersos, como um jogo dinâmico em que ora somos os dominantes ora ocupamos o lugar dos dominados (FOUCAULT, 1979) (SCHEFLER, 2003, p. 11).

O empoderamento das mulheres inicia-se pelo seu corpo, da sua aceitação, reconhecimento e engrandecimento. É através do corpo que o(a) indivíduo(a) apropria-se do espaço e é através dele que se reconhece de imediato o outro. Pode-se dizer, a partir da compreensão de Raffestin, que “o poder se manifesta por ocasião da relação” (RAFFESTIN, 1993, p. 53), e estas se dão entre indivíduos diferentes e que o corpo é um instrumento de poder. Pois ele é a maior escala material das relações³.

O corpo possui marcas que, ideologicamente interpretadas, indicam o lugar e a posição social do indivíduo nos espaços, mesmo no espaço público, onde todos deveriam ter o mesmo direito. Esse espaço possui, além das determinações das normas e regras do estatuto, também “códigos invisíveis mais profundos que impõem dinâmicas próprias a cada espaço” (RODRIGUES

3 O corpo (ou a corporeidade) pode ser considerado uma categoria geográfica como vemos no verbete *The Body* de um dicionário inglês de Geografia Cultural. Há vários estudos com esta abordagem no Brasil e na Europa Ocidental que não cabe retomar neste artigo.

& RATTS, 2007). Assim, cada grupo social (negros, brancos, mulheres, homens, LGBT, heterossexuais, ricos, pobres, etc.) viverá de forma diferenciada o espaço público (pois estes grupos apresentam, quase sempre, marcas corporais hierarquizadas na sociedade). Segundo Ramos, “é o corpo que estrutura as narrativas do espaço, selecionando, saltando, agrupando, criando limites, barreiras e fronteiras” (RAMOS, 2002, p. 296).

As mulheres ao participarem de grupos feministas iniciam uma crítica aos padrões e regulamentos do corpo feminino nos diferentes espaços.

As Ruas: Entre o Medo e as Apropriações Feministas

Fundada em 1933, a cidade de Goiânia possui – de acordo como o IBGE em 2014 – aproximadamente 1.412.364 habitantes e com uma Região Metropolitana composta por vinte municípios (Lei Complementar Estadual de número 78, 25/03/2010), dos quais Aparecida de Goiânia, Senador Canedo e Trindade são os mais próximos e populosos. O centro da capital, correspondente à parte do planejamento inicial da cidade, abriga serviços – públicos e privados, a exemplo da sede do poder político estadual, hotéis, comércio e alguns parques. A exemplo de outras cidades brasileiras, não é perceptível a função e o uso predominantemente feminino e/ou feminista do espaço urbano.

Quando perguntadas sobre a relação entre seus corpos e a rua, o medo de que algum ato violento pudesse acontecer com elas está presente em todas as falas, inclusive entre as feministas mais jovens que transitam em diferentes períodos do dia pelas ruas da cidade.

A insegurança sentida pelas mulheres ao andarem nas ruas, devido à existência de áreas 'vazias' em determinados horários do dia, consiste em um dos fatores que limitam seu deslocamento na cidade. O Setor Central de Goiânia no período da noite é visto como um lugar 'escuro', 'vazio' e 'perigoso'. As mulheres que estudam e trabalham neste local e turno, ao voltarem para casa, sentem-se inseguras e amedrontadas pelo risco, principalmente, de estupro e assalto. A cidade, à noite, 'não é para ser das mulheres'.

As entrevistadas contaram diferentes fatos de violência que foram cometidos durante seus deslocamentos cotidianos pelas ruas, em diferentes períodos, tanto nos bairros periféricos onde algumas residiam, como nos bairros mais centrais da cidade.

Ao serem perguntadas sobre como seus corpos são vistos e quais são os sentimentos ao andarem pelas ruas nos seus cotidianos, as feministas negras e jovens afirmam que não se sentem bem e, muitas vezes, sentem medo quando não estão em grupo nas manifestações feministas. Elas afirmam que seus corpos são muito percebidos pelas pessoas que estão nas ruas, principalmente seus cabelos com penteados conhecidos como *black*, pintados e com turbantes:

Eu acho que o nosso corpo é muito percebido em todos os espaços. De a gente andar pela rua. Já observei as pessoas olhando ou fazendo comentários, como eu já ouvi! Nossa! Tanto de gente gritando de carro, homens e mulheres, já ouvi a pessoa passar de carro e gritar “Oh! vai pentear o cabelo! Passar de carro e – Você

Talita Cabral Machado, Alessandro J. P. Ratts



acha que está bonito assim? – Tá horrível! E não sei o quê” (Beatriz, 24 anos. Data da entrevista: setembro de 2014).

A questão, acho que principalmente da raça, por conta de eu está vestida de uma determinada maneira, com o cabelo para cima e etc., chama muita a atenção das pessoas, em Goiânia principalmente, porque tem umas coisas que são muito normativas com o cabelo e com acessórios. Então, qualquer coisa, desde andar de ônibus e andar na rua provocam reações e as pessoas olham e percebem (...) e tem gente no ônibus que se ver você usando um turbante, ele se benze na sua frente, porque acha que é macumba e coisas assim (Lélia, 30 anos. Data da entrevista: novembro de 2014).

Uma das feministas possui corpo modificado (com tatuagens, piercings, alargadores e dreads) e diz que as pessoas ficam chocadas quando ela anda pelas ruas: *“Não só pelo meu físico, por eu ser diferente. Mas por eu ser uma mulher modificada, principalmente. Eu andar na rua já é chocante. As pessoas olham, as pessoas se incomodam! Essa é a palavra certa”* (Carmem, 21 anos. Data da entrevista: outubro de 2015).

A militância dessas mulheres não está só presente quando elas estão em grupos, mas, também, está nos seus corpos, nos seus cabelos, nos gestos, na pele, no olhar, nas suas falas. Ao andarem individualmente pela cidade, elas “incomodam” algumas pessoas e, diante dos olhares e comentários de reprovação sobre seus corpos e/ou das atitudes variadas de desrespeito, elas acabam sentindo-se mal e/ou com medo.

Segundo Berta, Ornelas e Maria (2007) uma das explicações do porquê das mulheres desencadearem uma maior ansiedade em relação à segurança pessoal se assenta:

(...) nas características de um crime violento em particular, que afeta majoritariamente, e em especial, as mulheres – o crime de violação. (...) Segundo Griffin (1971, cit. por Softas-Nall et al., 1995), o crime de violação e o medo da violação fazem parte da consciência de todas as mulheres. Tal como o abuso sexual em si mesmo, o medo que as mulheres sentem do mesmo é igualmente significativo e difundido (Day, 1995). (2007, p. 136).

A pesquisa realizada pelas/os autoras/es (BERTA, ORNELAS e MARIA, 2007) no âmbito da Psicologia indica a premência do medo da violação:

(...) a violação não apresenta somente consequências para a sobrevivente, mas igualmente precedências, influenciando a vida das mulheres, ainda antes da sua ocorrência e sob a forma de medo, bem como dos condicionalismos que este provoca. Adicionalmente, faz parte de um contexto social que origina e no qual atua o fenômeno do medo da violação (p. 164-165).

O medo da violação acaba por influenciar e limitar o deslocamento e mobilidade das mulheres na cidade. Uma das entrevistadas fala sobre quando “descobriu-se” lésbica e pensou da limitação que seria a sua vida, dentro e fora de casa, inclusive nas ruas e que, ao participar e construir coletivamente os movimentos feminista e lésbico, ela se sentiu empoderada para viver e militar:

Aí a resposta de atuar coletivamente no movimento é que me deu a solução e dá até hoje, na verdade, para todas as vezes que eu encaro os problemas. (...) Então eu acho que a participação no movimento é que faz com que eu consiga pensar em coisas que possam de fato mudar minha vida e a vida das pessoas e a concepção que se tem sobre e gênero e sobre sexualidade e raça. Então é uma coisa muito vital mesmo. Assim de conseguir fazer as coisas e o mundo e a sociedade terem sentido (Lélia, 30 anos. Data da entrevista: novembro de 2014).

As entrevistadas passam por vários processos de empoderamento enquanto mulheres, lésbicas, bissexuais e/ou negras, quando começaram a participar de e/ou construir diferentes grupos dos movimentos feministas⁴.

Diante do sentimento de medo, presente no dia a dia das mulheres na cidade, as entrevistadas trazem a importância dos movimentos feministas estarem sempre se apropriando das ruas. Uma das feministas diz que foi, também, devido às manifestações das mulheres nas ruas, principalmente, a partir da década de 1960, que ocorreram várias conquistas, como as secretarias e delegacias para mulheres, a entrada maciça de diferentes mulheres nas universidades e ocupação de importantes cargos públicos e privados. Entre os anos 1960 e estes processos há um hiato particularmente no Brasil por causa da ditadura militar que corresponde ao período de reorganização do movimento de mulheres e outros movimentos sociais. Uma das entrevistadas reflete este processo:

(...) foi graças a esse pouco de mulheres que saiu e foi para a Praça do Bandeirante⁵ ou foi para a Praça Universitária⁶ gritar e correr da

4 No contexto dos “novos movimentos sociais” surgidos entre os anos 1970 e 1990 e da “segunda onda” do feminismo, pode-se dizer que os movimentos feministas em Goiás (Brasil) surgem nos anos de 1980 com a formação de entidades de mulheres em Goiânia, a exemplo do Grupo Eva de Novo (1981), Centro Popular da Mulher em Goiás (1985) e Grupo Transas do Corpo (1987), e, posteriormente, na chamada “terceira onda” do feminismo após a década de 1990, mulheres negras criam suas organizações: Associação Pérola Negra (1993), Malunga (1999) e Dandara no Cerrado (2002).

5 A Praça dos Bandeirantes, no Setor Central, hoje não é mais praça, e sim um cruzamento entre duas avenidas principais da cidade, Avenida Anhanguera e Avenida Goiás. Apesar de não existir mais como praça, ainda é a ágora dos movimentos sociais, é local importante para os feminismos.

6 A Praça Universitária, no Setor Universitário, região central da cidade, é cercada pela Universidade Federal de Goiás e pela Universidade Pontifícia Católica de Goiás. É local de reunião e lazer das feministas, principalmente as mais jovens e/ou que possuem alguma relação com a academia.

polícia e tal, para a gente assegurar esses avanços e isso não foi só aqui em Goiânia, cada estado teve seu papel e teve mulheres que deram cara a tapa e foram lá e conseguiram se empoderar e conquistar isso tudo (Henriqueta, 52 anos. Data da entrevista: novembro de 2014).

Apesar das entrevistadas referirem-se às ruas como locais de grande vulnerabilidade, onde as mulheres podem ser ou efetivamente são agredidas nos seu cotidiano, elas trazem a importância de estarem se apropriando desses lugares a partir da presença de seus corpos e das suas vivências neles, como para uma das feministas: *“eu gosto daquela frase que diz ‘o nosso corpo fala por si só’. Então, quando a gente ocupa espaços, a proposta é naturalizar o que é o meu corpo, naturalizar o que meu corpo representa”* (Anália, 24 anos. Data da entrevista: outubro de 2015). Em diálogo com as entrevistadas, “naturalizar” significa tornar aquele lugar local de convivências cotidianas e de respeito entre as diferentes pessoas.

A apropriação das ruas é vista como um ponto de partida para as mudanças relacionadas à questão de gênero e sexualidade ocorridas, e que ainda ocorrerão, na cidade. As entrevistadas disseram da importância das mulheres estarem se apropriando das ruas em áreas centrais da cidade, através, por exemplo, da Marcha das Vadias, Parada Lésbica, Parada LGBTQTT e das manifestações em datas importantes, como no Dia da Consciência Negra (20 de novembro) e Dia Internacional da Mulher (08 de março). Essas ações possibilitam um momento de comunicação com as pessoas que passam pelo local e de novas construções de significados sobre as ruas.

Os movimentos feministas fazem ações políticas e corpóreas nas ruas da cidade (juntamente com o movimento negro e LGBTQTT). Na parada LGBTQTT e na Parada Lésbica, por exemplo, o beijo lésbico, gay, de travestis, transexuais ou transgêneros é visto como político pelas feministas, porque questiona a padronização do corpo no espaço público, nas avenidas de Goiânia. O intuito das manifestações é principalmente mostrar que a cidade deve ser um local para todos(as).

As entrevistadas destacam as apropriações das ruas, praças e parques da região central como importantes para que as feministas possam dar novos sentidos a esses lugares. As entrevistadas dizem ser necessário construir visibilidades múltiplas dos lugares porque eles são formativos para os(as) sujeitos(as) que ali transitam e vivenciam. A Praça Bandeirante, por exemplo, *“é o símbolo do meio da cidade planejada, está lá o [a estátua do] bandeirante [Bartolomeu Bueno da Silva], o homem que descobriu Goiás e tal, e é um paradigma, porque as lutas sociais, as lutas feministas, começam ali também”* (Rosely, 48 anos. Data da entrevista: dezembro de 2014).

As entrevistadas dizem da liberdade que as mulheres sentem ao estar nas ruas durante a Marcha das Vadias, vestidas da forma que querem ou parcialmente despidas e ao mesmo tempo, sentirem-se seguras naquele local. Elas se veem empoderadas. O direito de manifestar é uma conquista do espaço da rua, *“a mulher sair na rua e numa marcha ter quinhentas mulheres, isso faz uma diferença grande pra mim”* (Beatriz, 24 anos. Data da entrevista:

setembro de 2014).

A rua é um local de passagem, de trânsito, mas, nos momentos em que acontecem as manifestações feministas, como a referida Marcha, ela se transforma em espaço de vivência entre as mulheres, onde os feminismos são construídos.

As ruas da região central da cidade foram trazidas pelas mulheres como importantes para as apropriações feministas e algumas delas, já foram espaço de vivências feministas, como a Rua 8 e o Projeto Grande Hotel Vive o Choro (conhecido como o Chorinho), da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia, que acontecia na Avenida Goiás, ambas, no Setor Central.

A Rua 8, conhecida também como Rua do Lazer, apareceu nas falas das feministas que tinham entre 44-67 anos de idade. Este local foi intensamente ocupado por elas, principalmente na década de 1980, 1990 e 2000: *“E juntava todo mundo, o movimento feminista, negro e LGBTT e era aquela confusão [boa]. Então a Rua 08 é um local também que me traz boas lembranças, porque a gente fazia muitas coisas lá (...) mas acabou”* (Henriqueta, 52 anos. Data da entrevista: novembro de 2014)⁷.

As mulheres dizem que o Chorinho que acontecia gratuitamente toda sexta-feira na Avenida Goiás, em frente ao Grande Hotel, onde ocorriam apresentações de bandas locais com estilos diversificados, era um momento de encontro entre as feministas nos anos de 2011 e 2012. Para uma das entrevistadas: *“o centro de Goiânia é um espaço morto. O Chorinho era um espaço que eu achava maravilhoso! Tinha várias tribos. Acabaram. Não sei o que acontece em Goiânia, as pessoas não conseguem manter as coisas boas”* (Henriqueta, 52 anos. Data da entrevista: novembro de 2014).

Outra militante aborda, também, a importância do Chorinho para os feminismos construídos por ela:

O Chorinho pra mim foi fundamental, foi um espaço de construção do feminismo, porque eu fazia política feminista lá. (...) falando o que é feminismo, das manifestações, convidando pra ir pro Fórum [Goiano de Mulheres], construindo discussões. Então, isso é construção, é fazer uma política do seguimento. (...) [Chorinho] era um lugar democrático que a gente, as meninas lésbicas, namorava a vontade, todo mundo namorava, os meninos, as meninas, e a gente dançava, independente de idade. (...) as pessoas se sentiam muito a vontade. As meninas negras iam com seus turbantes, suas vestimentas afro, dançavam, bebiam, enfim, era um espaço muito livre (Nísia, 67 anos. Data da entrevista: outubro de 2015).

Apesar de todas as feministas falarem da importância de apropriar-se dos

7 Na pesquisa de Sousa (2005) sobre os territórios “GLBTS” de Goiânia aparece a justaposição entre permanência e transitoriedade dos espaços e sua concentração no centro expandido de Goiânia. Mesmo bares e boates que parecem ser mais permanente são fechados e até reabertos em outros lugares como é o caso do bar Joãozinho Mercês, mencionado por Sousa que reabre noutro local com outro nome e atualmente como Feira do Chope (HAMMES, 2015).

espaços públicos, de promover a ocupação urbana das ruas e da fluidez dos encontros que ocorrem em vários locais no centro da cidade, o sentimento presente nas apropriações é quase sempre o do medo, em diferentes níveis (a depender dos horários, locais e temas presentes nas apropriações) que elas enfrentam coletivamente e por isso, estão sempre cuidando uma das outras: *“a rua é um espaço muito perigoso, vulnerável, a gente não sabe o que pode acontecer, na rua é melhor cuidar da gente”* (Anália, 24 anos. Data da entrevista: outubro de 2015). No que diz respeito às relações existentes entre os cuidados que as mulheres tomam ao andarem nas ruas e as limitações de seu acesso a esse espaço, Berta, Ornelas e Maria (2007) argumentam:

Não só as mulheres parecem ser mais receosas, como também usam com maior frequência medidas de precaução, para evitarem a vitimação (Lavrakas et al., 1980, cit. por Riger, Gordon & LeBailly, 1978) e mesmo aquelas que não indicam preocupação face à violação, tomam precauções para o prevenir (Gordon & Riger, 1989). Poder-se-á demarcar em linhas gerais que a maioria das mulheres receia, designadamente, meios públicos (rua), sítios isolados, à noite, visibilidade limitada, locais ou situações desconhecidas e pessoas estranhas (Day, 1994). Porém, a tomada de precauções pode, muitas vezes, não proteger (por não se dirigir, na maioria das vezes, às características e contexto em que a violação usualmente ocorre), mas condiciona o acesso ao espaço comunitário e restringem a liberdade das mulheres (p. 136).

Após a pesquisa qualitativa realizada com mulheres, Berta, Ornelas e Maria (2007) concluem que:

O fenômeno social do medo da violação atua num contexto social e é proveniente de diversos fatores sociais que se entrecruzam de uma maneira complexa. São tais fatores: a cultura social que abarca a identidade do gênero e os papéis sociais e sexuais, inclusive a desigualdade entre gêneros; a educação; as consequências reais do crime de violação; os mitos sociais sobre a violação que distorcem a percepção da sua realidade; a comunicação social; e, por último, a prevalência do crime de violação, assim como as experiências de assédio (denominadas “mini-violações” por Medea e Thompson, 1974), com as quais as mulheres geralmente lidam no dia-a-dia. Uma vez que a violação é um crime essencialmente de domínio e exercício do poder, e que a construção cultural dos papéis sociais e sexuais incentiva a desigualdade, baseando a mesma em normas e valores que acarretam papéis de domínio, particularmente masculino, e de vulnerabilidade feminina, encaramos esse fenômeno social – o medo da violação – como resultante não somente da existência dos crimes violentos de raiz sexual, mas igualmente da sua ameaça constante, o

que perpetua uma intrusão na integridade pessoal e sexual de todas as mulheres, incentivando a limitação da liberdade face ao potencial abuso. Assim, somente a existência da desigualdade de papéis sociais e a utilização de um crime que a mantém, parece oprimir todo um grupo social (p. 145).

Ao mesmo tempo em que as feministas apropriam-se coletivamente do espaço público da cidade, das ruas, no intuito de construir novas interpretações delas mesmas com os lugares, torná-los locais de vivências feministas, o sentimento do medo, visto como regulamento socialmente estabelecido no espaço da rua, permanece presente. Muitas vezes, os “cuidados tomados” significam para elas mesmas um limite de suas apropriações. Alguns grupos subvertem mais o medo, como o grupo de mulheres lésbicas e bissexuais, e acabam se apropriando de lugares no período visto como o mais “perigoso”: o da noite. Veremos adiante como ocorre a apropriação realizada pelas feministas lésbicas.

Feministas Lésbicas e as Apropriações Noturnas das Ruas na Área Central da Cidade

Com a participação em grupos feministas, as mulheres começaram a frequentar locais de lazer em Goiânia que ainda não tinham sido frequentados por elas, a exemplo de bares, praças e boates na área central (Setor Central, Setor Universitário, Setor Sul, Setor Oeste, Bairro Vila Nova e Setor Norte Ferroviário). Durante a ocupação desses lugares, que elas afirmam ser um lazer militante, ao mesmo tempo em que alguns locais públicos são vistos pelas mulheres como os “mais seguros”, ocorre também o sentimento de medo nele e durante o deslocamento para ele:

A gente está sempre com medo não importa o espaço. Todas as coisas lésbicas [como andar com uma bandeira LGBTTT] que a gente já fez, foram em espaços desses neutros e seguros na região central, tipo Bosque dos Buritis, a Praça Cívica, a Praça dos Bandeirantes e em todos eles a gente sofreu algum tipo violência (Bertha, 24 anos. Data da entrevista: setembro de 2014).

O trabalho de Silva (2015) parte de trajetórias de vida de mulheres lésbicas em Goiânia e tem como objetivo refletir sobre lesbianidades, violências cotidianas e “manobras”. A autora verifica que diversos contextos violentos passam a fazer parte da vida dessas mulheres, “seja por meio de alguém de fora como mãe, pai, amiga, pastores, desconhecidos na mesa ao lado do bar, ou por meio da internalização da lógica dominante, a qual gera arrependimento, culpa e sofrimento” (p. 104). Silva afirma que essas violências são naturalizadas socialmente, assim, “fazem parte não só de contextos micro, mas, também estão completamente conectadas a um contexto social macro, que é responsável pela reiteração do controle dos corpos” (p. 104).

Como foi referido, nas falas das entrevistadas, observou-se a presença do medo e a preocupação em tomar todos os cuidados necessários ao transitar e

estar nos locais. Mas, o andar em grupo e apropriar-se dos espaços coletivamente, entre as mulheres mais jovens lésbicas e bissexuais, são uma forma de minimizar esse sentimento e empoderá-las.

Rodó-de-Zárate (2016), ao realizar a pesquisa sobre lésbicas jovens de duas cidade médias – Ponta Grossa, Paraná, Brasil e Manresa, Cataluña, Espanha – mostra as limitações que sofrem essas mulheres em seus acessos aos espaços públicos e identifica que a sexualidade, sempre em relação com outras identidades, é para as lésbicas jovens um fator fundamental que limita seu acesso à cidade. Acerca dessas limitações, diz a autora:

las limitaciones del Derecho a la Ciudad en función a cuatro cuestiones: la violencia heterosexista directa, la dimensión afectiva de la discriminación, el espacio privado como fuente de discriminaciones y las múltiples identidades como límites de acceso (p. 05).

Rodó-de-Zárate afirma que o medo de estar em um lugar limita o acesso das mulheres lésbicas à cidade, para ela:

Tener miedo mientras se está en un lugar, no poder abrazar a tu pareja o estar en constante alerta, constituye un límite al derecho a la ciudad que en este caso está fuertemente condicionado por la heteronormatividad en los espacios públicos.(...) Y en todas ellas coincide que el tipo de acción penalizada, es la misma: besos, abrazos y muestras de cariño. (2016, p. 11/13).

As feministas, em especial as jovens lésbicas e bissexuais, trouxeram lugares, como por exemplo, o Mercado da Rua 74 (ou Mercado Popular), o Feirão do Chope¹, o Bar da Rua 18 (ou Ponto 18) e o Banana Shopping, todos na área central, como locais importantes para seus momentos de lazer e para ocupação coletiva das mulheres. São locais onde elas se sentem bem em relação às suas sexualidades e outras identidades.

Num mapeamento de bares lésbicos, realizado em 2012, por Silva e Braz (2012), foi possível localizar apenas dois estabelecimentos em funcionamento na cidade de Goiânia: Bar da Lilian (no Setor Universitário) e Bar da Help (no Setor Bueno). Os bares Sinuca do Gellin (Setor Jardim América), Assim Assado (Setor Sul), Ponto 18 (Setor Central) e Bar da Tia (Setor Universitário), não são marcados pela presença majoritária de mulheres lésbicas, apesar de serem muito frequentados por elas (SILVA, 2015).

Sobre o Mercado da (Rua) 74, construído em 1952, na região então denominada Bairro Popular, e que foi incorporada ao Setor Central alguns anos mais tarde, as mulheres falaram:

A gente fez uma das festas no mercado da 74, que é um lugar conhecido pelo público gay, LGBTT e lésbicas e tal, mas nunca tinha tido uma ação. Aí a gente ocupou e colocou bandeira e faixa e porque lá a gente tinha essa discussão de mostrar que a gente está nos espaços e a gente precisa de respeito e isso é importante (Bertha, 24 anos. Data da entrevista: setembro de 2014).

(...) sabe um lugar, que eu considero um lugar muitíssimo democrático, pra mim era um lugar de feministas, de todos os seguimentos que são discriminados, é o Mercado da 74. Mas você tem que tá com seu grupo também (Nísia, 67 anos. Data da entrevista: outubro de 2015).

O Banana Shopping, estabelecimento popular localizado no Setor Central e o Bar e Boate Feirão do Chope na Av. Anhanguera, Estação Cascavel no Setor Aeroviário, também foram trazidos como locais de construção de identidade lésbica e/ou LGBTTT na região central:

(...) no Banana Shopping onde a gente se encontra e seja nos bares e boates acabam sendo lugares de construção de identidade, por exemplo, no Feirão do Chope, que tem a questão de classe e raça muito marcado porque fica barato por causa do eixo [de ônibus] acaba sendo locais importantes (Lélia, 30 anos. Data da entrevista: novembro de 2014).

Durante os momentos de apropriação dos espaços públicos, ocorre uma mudança nos usos dos lugares. Por exemplo, os bares no centro da cidade se tornam também 'bares lésbicos' e o Mercado da 74, que não necessariamente é 'lésbico', mas que foi apropriado pelas lésbicas.

A partir da presença ou ausência estratégica de seus corpos e de suas corporeidades, cada feminista, no cruzamento de suas identidades múltiplas, cria as novas concepções dos lugares, no intuito de transformá-los e também de materializar, ainda que de forma efêmera, as ações feministas nos lugares. Esses locais são de vivência entre as feministas, que (re)criam formas de sociabilidade lésbica e são, por isso, principalmente, lugares de construção dos feminismos. Como diz a entrevistada:

A gente anda muito a pé, em bando. Nunca anda só ou duas. (...) Chega final de semana, a gente tá todas juntas, sai todas juntas. A gente sabe que é melhor a gente se cuidar. (...) E se a gente frequenta os mesmos lugares, eles mais ou menos vão saber que são meninas lésbicas, que se trata de meninas feministas. Porque a gente vai construindo conversas. Então, eu acho que depois eles ficam mais tranquilos. Mas o começo é assustador mesmo para as pessoas, porque é um monte de mulheres diferente. Meninas que se vestem como querem, meninas peludas, meninas que se vestem como meninos, meninas que andam de todas as formas (Anália, 30 anos. Data da entrevista: outubro de 2015).

O andar e estar juntas é um aspecto indicativo de que a interpretação de seus corpos, por outrem e por si mesmas, que se estende para a raça, o gênero e a sexualidade, é fundamental para compreender suas trajetórias espaciais na cidade. São “mulheres diferentes”, corporeidades diferenciadas no espaço urbano.

Rodó-de-Zárate (2016) chama a atenção para as formas que as mulheres

utilizam para não se sentirem 'fora de lugar':

A pesar de estas restricciones directas, por contra, en sus narrativas también aparecen lugares creados como alternativa a la falta de espacios donde no sentirse fuera de lugar. (...) Como muestran estas citas, contra las limitaciones de acceso a determinados lugares, ellas misma crean sus propios espacios de bienestar en el espacio público.(...) Ellas lo frecuentan, lo usan y con su presencia y sus acciones lo impregnan de una identidad propia. Como afirma Lane (2015) el hecho de compartir posiciones de género, sexualidad y edad con otras lesbianas contribuye a generar bienestar (p. 10).

No caso de Goiânia, a área central da cidade é vista pelas militantes como estratégica para evidenciar suas identidades entre elas mesmas e as/os demais. Apropriar-se dos locais centrais de forma coletiva, durante o dia e à noite, para elas, possui diferentes objetivos. Durante o dia, o objetivo de vivenciar os lugares é para evidenciar a luta, torná-la mais visível à população. Durante a noite, o intuito é apropriá-los para torná-los mais acessíveis às mulheres. Note-se que são as jovens lésbicas que coletivamente mais percorrem e vivenciam as ruas e os locais de lazer no período da noite na região central.

No artigo sobre os cotidianos lésbico e gay na cidade de Coimbra (Portugal), Vieira (2010) constata que a noite é o tempo de sociabilidade mais importante para a comunidade lésbica, gay e bissexual e isso ocorre em função:

(...) dos ritmos do quotidiano hedonista das cidades contemporâneas e de o fato de a noite permitir um menor controlo social. Neste sentido 'sair à noite' ou ir 'beber um copo' é um elemento fundamental das sociabilidades (homo)sexuais ao promover formas de encontro longe dos modelos clássico de controlo e devir social: a família e o emprego (p. 11).

As várias apropriações das mulheres feministas se dão também em busca da conquista de outra forma de vivenciar o espaço urbano. A utilização dos espaços públicos, principalmente no período da noite, é vista pelas jovens lésbicas e bissexuais como uma forma de transgredir o local destinado a elas na cidade, num intuito de que futuramente estes espaços pertençam também a elas.

A Praça Universitária é outro espaço onde as lésbicas frequentemente se encontram coletivamente durante a noite. A praça abriga sociabilidades diversas de jovens e é circundada por universidades. França e Pechincha (2015), a partir do estudo sobre o local, afirmam que as sociabilidades realizadas nesse local:

(...) se formaram principalmente a partir de grupos de pessoas que frequentavam certos espaços da cidade comumente associados à cena underground, notadamente marcados pela presença de jovens,

muitas/os delas/es punks, rockers, góticos, headbangers, entre outros sujeitos que não necessariamente se classificam unicamente a partir dessas identidades coletivas, mas que também constituíam essa cena (p. 142-143).

As mulheres lésbicas reúnem-se na Praça Universitária, muitas vezes, para os ensaios da banda “Batuque de Menina” composta por elas. Quando a praça se esvazia e elas sentem medo, vão embora (o horário depende do dia da semana, na sexta-feira é o dia em que as pessoas ficam na até mais tarde). Algumas continuam juntas e “descem” para os bares ou as boates LGBTTT na área central. Elas fazem esses trajetos a pé e sempre em grupo.

Todos os locais públicos e privados mencionados em que as mulheres lésbicas se apropriam nos seus momentos de lazer noturno, se localizam na área central da cidade, e elas se deslocam para eles, na maioria das vezes, a pé, algumas vezes, de ônibus e sempre em grupo. Essas mulheres ocupam o espaço da rua em horários em que “a cidade não deveria ser para as mulheres”. Mesmo assim, o medo ainda está presente e outros cuidados são tomados, principalmente, pelas jovens de mais idade e experiência, como por exemplo: evitam carícias entre elas quando estão transitando em certas ruas; os trajetos realizados quase sempre não são os mais curtos e rápidos, mas aqueles considerados mais seguros; e permanecer paradas nestes locais é considerado perigoso.

Muitos locais foram ressignificados também para as próprias feministas depois de serem apropriados coletivamente. Locais até então não vivenciados pelas mulheres passam a ser, sempre em grupo, como podemos perceber na fala de uma das entrevistadas, ao dizer sobre o parque público Lago das Rosas (localizado no Setor Oeste, região central): “depois de a gente fazer piquenique e roda [de trocas] no Lago das Rosas, esse lugar, para mim, ganhou outro significado. Então, acho que os lugares podem ser pensados e repensados e ressignificados a partir da nossa experiência” (Deolina, 30 anos. Data da entrevista: setembro de 2014).

As mulheres lésbicas desestabilizam as relações de poder, baseadas na heteronormatividade nos lugares. Apesar das feministas jovens lésbicas e bissexuais terem seu acesso restrito ao urbano, devido à sua sexualidade, as apropriações cotidianas e coletivas, através dos momentos de lazer, principalmente, no período da noite, são momentos de resistência e ressignificações dos lugares.

As Ruas das Mulheres Feministas: À Guisa de Conclusão

Como para Rose (1993), os processos de planejamento das cidades localizam as mulheres na margem de sua configuração. A rua é um exemplo de espaço público que nunca foi pensado em Goiânia, ou de nenhuma outra cidade planejada, para permitir o acesso específico ou diferenciado para as

8 É um local LGBT da cidade de frequência noturna, situado numa área periférica, que existe há mais de 10 anos (HAMMES, 2015).

mulheres. O medo sentido por elas ao se deslocarem pelas ruas é um dos fatores que limita a sua mobilidade no espaço urbano.

As entrevistadas, ao se empoderarem na vivência com grupos feministas e com outras feministas, pensam ser estratégicas as ocupações coletivas de lugares centrais na cidade e de espaços públicos como a rua. Ao vivenciarem esses espaços, elas constroem novas percepções deles e ao mesmo tempo, desconstróem os regulamentos sociais misóginos e heteronormativos presentes neles e reconstróem outras formas de vivenciá-los.

As mulheres jovens lésbicas e bissexuais apropriam-se, no período noturno, de espaços públicos como a rua e de privados para o seu lazer. Mesmo que o medo ainda esteja presente, elas acreditam ser essenciais as suas presenças e vivências coletivas naqueles lugares.

As apropriações feministas acontecem a partir da vivência entre as mulheres, onde elas se constroem como feministas e constroem, ao mesmo tempo, os feminismos. Em meio a uma série de limitações, numa relação com e entre os lugares da cidade, as mulheres os criam e recriam.

Referências

BERTA, Margarida; ORNELAS, José H. e MARIA, Susana G. Sobreviver ao medo da violação: Constrangimentos enfrentados pelas mulheres. *In: Análise Psicológica*, v. 25, n. 1, p. 135-147, 2007.

CALIÓ, Sonia A. **Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista à Geografia Urbana**, 1991. Tese (doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo - SP.

FRANÇA, Matheus; PECHINCHA, Mônica. Entre lazer, sociabilidades e insegurança: interpretações sobre a Praça Universitária, em Goiânia/GO. **Revista Iluminuras**, v. 16, n. 37, p. 137 - 155, 2015.

GARCIA, María Franco. **A luta pela terra sob enfoque de gênero: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema**, 2004. Tese (doutorado em Geografia) UNESP, São Paulo – SP.

HAMMES, Bruno dos Santos. **No Feirão do Chope: Um estudo antropológico sobre intersecções entre marcadores sociais da diferença em um bar na região periférica de Goiânia**, 2015. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - PPGAS/UFG, Goiânia – GO.

hooks, bell. A place where the soul can rest. *In: hooks, bell. **Belonging: a Culture of Place***. New Yourk/London, Routledge, 2009, p. 143-152.

LONGHURST, Robyn. The Body. *In: ATKINSON, David, JACKSON, Peter, SIBLEY, David & WASHBOURNE, Neil (Eds.) **Cultural Geography: A Critical Dictionary of Key Concepts***. Londres: I. B. Tauris, 2005, p. 91 - 96.

MACHADO, Lia Zanota Machado. Gênero, um novo paradigma?. **Cadernos**

Pagu, v. 11, p. 107 - 125, 1998.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. *In*: ARANTES, Antonio A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000, p. 176 - 185.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**. Uma Nova Política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
RAMOS, Maria Bernardete. Perfectíveis corpos – corpo e nação: territorialidades imponderáveis. *In*: Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC**, n. 25, Dez, São Paulo, 2002.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. ¿Quién tiene Derecho a la Ciudad? Jóvenes Lesbianas en Brasil y Cataluña desde las Geografías Emocionales e Interseccionales. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 3 – 20, 2016.

RODRIGUES. Ana Paula Costa; RATTS. Alecsandro J .P. Cultura, População Negra e Espaço Público em Goiás: a Congada de Catalão. *In*: II COLÓQUIO NACIONAL DO NEER, 2007, Salvador – BA. **Anais II Colóquio Nacional do NEER**, 2007. Disponível em: <http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20AnaPaulaCostaRodrigues.ED1IV.pdf> Acesso em 01 de junho de 2016.

ROSE, Gillian. **Feminism and Geography: The Limits of Geographical Knowledge**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

ROSSINI, Rosa Ester. As geografias da modernidade – geografia e gênero – mulher, trabalho e família. O exemplo da área de Ribeirão Preto – SP. **Revista do Departamento de Geografia**, n. 12, p. 7 - 26, 1998.

SADER, Regina. Ser mulher e camponesa. **Revista Presença**, v. 2, n. 5, 1995.

SCHEFLER, Maria de Lourdes N. Gênero, Autonomia Econômica e Empoderamento. O Real e o Aparente: Sistematização de Processos de Investigação-Ação e/ou de Intervenção Social. **Revista Feminismos**, v. 1, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/75/73>> Acesso em 01 de julho de 2016.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.

SILVA, Joseli Maria. Análise do espaço sob a perspectiva do gênero: um desafio para a geografia cultural brasileira. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio

de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 173 - 189.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo Geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. *In*: SILVA, Joseli Maria. (Org.) **Geografias subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2009a, p. 25 - 53.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *In*: SILVA, Joseli Maria. (Org.) **Geografias subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2009b, p. 135 - 149.

SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento. **Parteiras ribeirinhas: Saúde da mulher e o saber local**, 2004. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) - Universidade Federal do Pará, Belém – PA.

SILVA, Tanieli de Moraes Guimarães. **Você tem que ficar manobrando as coisas: lesbianidades, violências cotidianas e possibilidades de resistência**. 2015. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) PPGAS/UFG, Goiânia – GO.

SILVA, Tanieli de Moraes G.; BRAZ, Camilo. Entre Mulheres um estudo antropológico sobre o mercado lésbico em Goiânia”. *In*: IX CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO, 2012, Goiânia. **Anais IX Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão**, 2012.

SOUSA, Alemar Moreira de Sousa. **O espaço que ousa dizer seu nome: territórios GLTBS de Goiânia**, 2005. Dissertação (mestrado em Geografia) IESA/UFG, Goiânia - GO.

VIEIRA, Paulo Jorge. Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidianos Lésbicos e Gays em Espaço Urbano. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 5 – 13, 2010.

Recebido em 14 de junho de 2016.

Aceito em 01 de fevereiro de 2017.

Talita Cabral Machado, Alecsandro J. P. Ratts

213